



3879 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT02 - História da Educação

NAS AZAS D'O BEM-TI-VI (1912-1914): impresso e infância em Caetité (BA)
Giane Araújo Pimentel Carneiro - FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Ana Maria de Oliveira Galvão - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo investigar o jornal infantil *O Bem-ti-vi*, que circulou na cidade de Caetité (BA) entre os anos de 1912 a 1914, tendo por redatores Mário Lima e Anísio Teixeira. Resultados indicam que as práticas de leitura e escrita eram muito presentes. A produção do jornal se espelhava nos demais jornais publicados na cidade, trazendo notas de aniversariantes, notícias, charadas e piadas, além de textos literários.

Palavras-chave: Jornal infantil. Crianças. Impresso.

NAS AZAS D'O BEM-TI-VI (1912-1914): impresso e infância em Caetité (BA)

As crianças são tema de estudos em várias áreas do conhecimento humano. De modo geral, busca-se saber como as crianças vivem, qual a percepção dos adultos sobre essa fase da vida em diferentes épocas e lugares, como elas impactam a organização social e como são impactadas por esta. A presente pesquisa, especificamente, insere-se na área da História da Educação.

Estudos que retratam a história da infância foram impulsionados no Brasil após a década de 1980. As temáticas dos estudos realizados nesse período abordam a educação, a higienização, o abandono, a criminalidade e as questões relacionadas à assistência que, segundo Freitas (1997), estatisticamente, são as mais densas. No campo da história da educação brasileira que se dedica aos estudos da infância sobressaem os trabalhos de Del Priore (1991; 1999), Freitas (1997), Kulhmann Jr. (1998), entre outros.

Gouvêa (2008) afirma que os estudos vêm adquirindo maior visibilidade nas pesquisas em ciências sociais ao reconhecer o quão é importante o pertencimento etário na produção das identidades sociais. Ressalta também o conceito de geração trazido da sociologia para o entendimento e ressignificação da necessidade de uma maior conscientização sobre a dimensão relacional entre as diferentes classes de idade, em lugares e tempos históricos específicos.

As questões propostas para conhecermos melhor a história das crianças e da(s) infância(s) leva-nos a outros tempos históricos no intuito de resolvermos os problemas postos no presentes. Morel (1993) afirma que a história da criança é um dos domínios novos da atual pesquisa histórica impulsionada pelo estudo pioneiro de Philippe Ariès (1973), que aponta para uma nova concepção de infância após o advento da modernidade. Apesar das críticas sofridas, seu pioneirismo no trabalho com a história das crianças marcou a partir daí, a historiografia da infância.

A presente pesquisa encontra-se ancorada em produções escritas infantis ligadas à sua vida cotidiana, não tutelada diretamente por alguma instituição, como escola, biblioteca. Tem como objetivo investigar um jornal infantil produzido por crianças que circulou quinzenalmente, por aproximadamente dois anos na cidade de Caetité (BA), entre os anos de 1912 a 1914. A coleção composta por 31 números, dos 43 que foram publicados, encontra-se disponível no Arquivo Público Municipal de Caetité. Até onde nos é possível inferir, a produção desses escritos se dava de forma mais autônoma pela criança, o que não é muito comum encontrar nos arquivos e fontes, conforme afirma Gouvêa (2008, p.105)

Difícilmente tem-se em mãos produções em que a criança seja autora do registro da sua história. O limite dos registros da experiência social pelas crianças, ou sua pouca densidade, indicam privilegiar a produção de discursos e práticas sobre e para a criança, tendo os adultos como autores.

Crianças e impressos nas pesquisas

Estudar a história das crianças e impresso nas primeiras décadas do século XX se justifica pela singularidade do lugar ocupado pelas crianças nesse período histórico e pela pouca visibilidade do tema nas pesquisas. Em mapeamento realizado sobre a produção de pesquisas com temática semelhantes, foram encontrados alguns trabalhos, como os que tratam dos jornais infantis escolares, de álbuns de pesquisa escolares e de escritas produzidas em outras instituições educativas, como bibliotecas públicas.

No início do século XX a influência dos princípios da Escola Nova, centrado no protagonismo do aluno no processo de ensino aprendizagem e no ideal de patriotismo, republicanismo e civildade burguesa influenciaram a criação de propostas pedagógicas fundamentadas na elaboração de jornais pelos alunos, como o jornal *Pétalas infantis* (CUNHA, 2013), *A voz da escola* (BASTOS; ERMEL, 2013), *A criança brasileira* (SILVA, 2013). Os estudos sobre esses jornais concluem que alguns deles, apesar de manterem os ideais preconizados pela República, não necessariamente incentivavam a participação das crianças na sua concepção e elaboração, relegando a elas apenas o papel de receptora dos textos produzidos pelos professores e direção da escola, como o jornal *A escola* estudado por Teive e Dallabrida (2013).

A prática da imprensa escolar como modelo pedagógico foi preconizada por Celéstin Freinet nos anos vinte do século passado. Gonzalez-Monteagudo (2013) discute sobre a escrita e os periódicos escolares no contexto da pedagogia freinetiana, na Espanha, no período

histórico da primeira metade do século XX.

Em Minas Gerais no ano de 1946, o jornal *Estado de Minas* lançou um suplemento infantil, *Gurilândia*, após tentativas anteriores, de outros títulos que não tiveram prosseguimento. A vinculação com um jornal já consolidado criou as condições favoráveis para a produção, circulação e popularização desse suplemento, conforme nos diz André Carazza dos Santos (2008).

E em Caetité, como o jornal *O Bem-ti-vi* se apresentava? Como era produzido?

O jornal *O Bem-ti-vi*

Desde as primeiras décadas da República, constata-se que a temática da infância assume uma centralidade nos discursos nacionais, que conferiam às crianças a responsabilidade pelo futuro do país, diante de uma nova forma de governo. De tal modo, propomos estudar a história da criança na modernidade republicana brasileira, nas primeiras décadas do século XX, não como um sentimento novo que surge, mas como uma concepção diferenciada em que foi vislumbrada uma nova forma de ver a infância, conforme ressalta Gouvea (2008, p.100) quando afirma que “cabe-nos falar não na emergência de um ‘sentimento de infância’, mas de um sentimento de infância característico da Modernidade”.

Entretanto, Gouvêa (2004) destaca que, no Brasil, esse fenômeno assume uma significação diferenciada. Mais do que a concretização de um país caracteristicamente urbano, que não fora consolidado no período estudado, o que se discutia era, sim, um projeto entre um país vocacionado para a agricultura, com hábitos rurais e uma nação moderna, caracterizada por uma cultura urbana. E a cidade de Caetité, não foge dessa idealização.

Podemos afirmar que em Caetité as práticas de leitura e escrita eram muito presentes, principalmente nas famílias da elite. Os tipos de impressos mais frequentes eram os jornais. Existiam também, exemplares das revistas que circulavam nas maiores cidades do país, como *O Malho* e *Fon-Fon*, livros de literatura e livros escolares, além de impressos de outras naturezas. Flávio Neves, que viveu sua infância em Caetité no início do século XX, afirma que “não nos fartávamos de ver e rever as fotografias do *Malho* e do *Fon-Fon*, pobres revistas, em preto e branco” (NEVES, 1986, p. 37).

O comércio local era responsável pela circulação de muitos livros infantis. O material manuscrito que mais circulava para leitura eram as cartas, principalmente, no âmbito familiar. Muitos desses materiais eram produzidos na própria cidade, a exemplo dos jornais locais. A existência de uma tipografia em Caetité propiciava a atividade tanto da leitura como da escrita. Diante disso podemos considerar que existe uma amplitude de perspectivas para entender o lugar que o escrito ocupa em uma sociedade (GALVÃO, 2010). No estudo em questão buscamos entender a produção do impresso infantil *O Bem-ti-vi*.

A coleção é composta por 31 números, das 43 edições que foram publicadas. Esta documentação foi encontrada na Casa do Barão de Caetité e doada para o Arquivo Público Municipal de Caetité (BA) em 2016. Esse jornal foi produzido pelas crianças Mário Teixeira Rodrigues Lima e Anísio Spínola Teixeira, que assinam como redatores chefe. Este é um aspecto ainda não abordado nos estudos realizados até então sobre Anísio Teixeira, como os de Marta Carvalho (1999) e Clarice Nunes (2000), entre tantos outros. O primeiro número do referido jornal data de outubro de 1912 e a sua impressão, durante o período que circulou, era realizada em uma tipografia em Salvador. Não se constituía como suplemento de algum jornal existente, como era comum no Brasil desde o século XIX, conforme afirma Hohlfeldt (2010, p. 377) “desde o século XIX, no Brasil, jornais começaram a publicar suplementos dirigidos às crianças”. O jornal foi editado quinzenalmente até o ano de 1914, quando Mário Rodrigues Lima mudou-se para Minas Gerais para continuar os estudos.

Essa atividade era incentivada pelas famílias dos meninos e pela sociedade local como nos indicam os trechos da correspondência e de uma nota do próprio jornal, a seguir, ressaltando a receptividade do jornal:

Muito e mt^o temos apreciado o pequeno *Bem-ti-vi*, aos futuros jornalistas e escriptores, beijo e abraço com alegria, desejando que o anno 913 seja cheio de prosperidades e esperanças p^a q. o *Bem-te-vi* possa dar um vôo igual a um aeroplano, p^a promover queridos filhos e risonhas festas em o ninho de seos futuros mestres (...). ALICE. **Carta para Evangelina, Celsina e Tiliinha**. Altamira, 27 de dezembro de 1912.

Em dias outros *O Bem-ti-vi*, por nímia gentileza, abrira as azas para nos agasalhar; hoje, reconhecidos resolvemos voltar ao mesmo pulso. Um sertanejo. *O Bem ti vi*, 31/05/1914, p. 01, nº 42, Anno II.

Na concepção da tia, a atividade de escrita do jornal traria bons resultados na formação das crianças e, para o colaborador intitulado “Um sertanejo”, fica o reconhecimento pela contribuição do jornal. Apesar da visível aprovação, nos questionamos sobre como era a real receptividade tanto da elite caetiense, composta prioritariamente por proprietários de terras, criadores de gado, políticos e comerciantes, como pelas camadas populares? Esses impressos chegavam a quem, atendiam aos interesses de quem? O que poderia dizer da infância no período? Chartier (2004), estudando a leitura e leitores da França, do Antigo Regime, destaca as questões entre a cultura erudita e a cultura popular, afirmando que não podemos acreditar que a cultura erudita sufoque a popular, mas que precisamos “considerar, para cada época, a maneira como se estabelecem as relações complexas entre formas impostas, mais ou menos opressivas e imperativas, e identidades afirmadas, mais ou menos expandidas ou refreadas” (CHARTIER, 2004, p. 15). O que se percebe, é que a produção do jornal se espelhava nos demais jornais publicados na cidade, trazendo notas de aniversariantes, notícias, charadas, piadas e poesias. Segundo Cunha (2013) os jornais escolares infantis que circulavam traziam características e ideias semelhantes aos impressos existentes para o público em geral. Todavia, o jornal *O Bem-Ti-Vi* trazia também muitos textos literários infantis.

Essa documentação incitou o interesse em conhecer de forma mais contundente qual o lugar que o escrito ocupava na vida dessas crianças? Quais eram as representações de infâncias? Quais as tensões que envolviam as relações de poder entre os grupos geracionais? Como a oralidade se fazia presente? Qual a intencionalidade dessas práticas?

Para tentar responder essas questões, além da história da criança, estamos realizando uma incursão pela história dos impressos e da leitura, fundamentando-nos principalmente, nos estudos de Roger Chartier. Segundo Chartier (1991) para a apreensão do mundo social, têm-se vários caminhos: classificações, divisões e delimitações que organizam a percepção. São esses esquemas intelectuais que possibilitam que o presente adquira sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BASTOS, Maria Helena Câmara; ERMEL, Tatiane de Freitas. O jornal *A voz da escola*: escritas dos alunos do Colégio Elementar Souza Lobo (Porto Alegre/RS, 1934-1940). *História da Educação*, v. 17, p. 251-266, 2013.

CARVALHO, M. M. C. . Anísio Teixeira: Itinerários. In: *Um olhar para o mundo*. Contemporaneidade de Anísio Teixeira, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. v. 5, n.11, jan/abr 1991. (http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext).

_____. Introdução/Capítulo I. In: *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

COSTA, Eliezer Raimundo de Souza. "Grêmios Estudantis na Escola Normal de Belo Horizonte (1930-1945): práticas educativas na Escola Nova". In: *XXV Simpósio Nacional de História. História e Ética*. Fortaleza/CE, 2009.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Folhas voláteis, papéis manuscritos: o pelotão de saúde no jornal infantil Pétalas (Colégio Coração de Jesus – Florianópolis/SC, 1945-1952). *História da Educação*, v. 17, p. 251-266, 2013.

DEL PRIORE, Mary (org.). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. (org.) *História das crianças no Brasil*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. História das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In.: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Orgs.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, José. Célestin Freinet, la escritura en libertad y el periódico escolar: un modelo de innovación educativa en la primera mitad del siglo 20. *História da Educação*, v. 17, p. 251-266, 2013.

GOUVEA, Maria Cristina S. de. A escrita da história da infância: periodização e fontes. In: SARMENTO, Manuel e GOUVEA, Maria Cristina Soares (Orgs.). *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HOHLFELDT, Antônio. Na história das publicações brasileiras, a criança também teve vez...In.: BRAGANÇA, Anibal; ABREU, Márcia (Orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

KUHLMANN Jr., Moysés. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

MOREL, Marie-France. Criança. In: BURGUIÈRE, André (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993.

NEVES, Flávio. *Rescaldo de saudades*. Belo Horizonte: Academia Mineira de Letras, 1986.

NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira: a poesia da ação*. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2000.

SANTOS, André Carazza dos. *Gurilândia (1948 – 1956): A formação de crianças e professores na página do Estado de Minas*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2008.

SILVA, Cristiani Bereta da. Cultura escolar e cultura política: projeto de nacionalização e o jornal escolar A criança brasileira (Santa Catarina, 1942-1945). *História da Educação*, v. 17, p. 251-266, 2013.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni; DALLABRIDA, Norberto. O jornal *A escola* e a construção da escola moderna e republicana (Laguna, década de 1910). *História da Educação*, v. 17, p. 251-266, 2013.